

*“Flechando” corpos, curando espíritos: uma análise sobre a noção de pessoa  
entre os Pankararu*

Arianne Rayis Lovo

[arianne\\_rayis@hotmail.com](mailto:arianne_rayis@hotmail.com)

(11) 97269-0750

Mestranda em Antropologia Social | Unicamp

Bolsista Fapesp

Orientador: Prof. Dr. José Maurício Arruti

Co-orientadora: Profa. Dra. Artionka Capiberibe

## RESUMO

Este trabalho se constitui numa parte da minha pesquisa de Mestrado que venho desenvolvendo desde 2014 entre os índios Pankararu localizados na favela do Real Parque, em São Paulo e na aldeia Brejo dos Padres, em Pernambuco. Meu objetivo é analisar a produção de memória e as práticas de cura entre eles, buscando compreender de que forma a cidade incide em sua organização social e cosmológica. Privilegiando a história de família, investigo as experiências e vivências dos jovens e velhos tanto na cidade quanto na aldeia, buscando compreender como o deslocamento entre essas duas localidades se configuram como um trânsito de fluxos não apenas de bens, proteção, comida, cura etc., mas também de lembranças e memória do seu grupo. Ao mesmo tempo, analiso como se atualiza, na cidade, o sistema xamânico do grupo, me atentando a noção de pessoa pankararu.

Originalmente referidos à uma região denominada Vale do São Francisco (PE), os Pankararu migram à capital paulista desde 1940, dando continuidade à fragmentação da sua identidade étnica. A capital de São Paulo foi uma das cidades que, a partir dessa época, receberam essa leva específica de migrantes, motivados, num primeiro momento, pela oferta de mão-de-obra e melhores condições de vida. Hoje, grande parte da população indígena da cidade é proveniente da região do Nordeste, como os Pankararu, os Pankararé, os Fulni-ô, os Kariri-Xocó, os Xucuru, Pataxó, entre outros.

Essas populações são marcadas por uma longa história de contato com a sociedade brasileira, processo que acarretou transformações, algumas delas radicais, em seus modos de vida. Por conta disso, os povos indígenas do Nordeste carregam o estigma de “aculturados”, de “índios misturados”, qualificativos justificados frequentemente pelo fato de estes se vestirem como brancos e falarem o português. Muitos também adotaram o catolicismo como religião, embora o ritual dos *Encantados* se constitua como uma importante expressão da vida religiosa pankararu.

As tradições cerimoniais mais importantes dos Pankararu são a *Corrida do Imbu* e o Toré. O Toré é considerado uma festa - partilhada pela maioria das sociedades indígenas do Nordeste do Brasil - na qual todos integrantes do grupo podem participar e cantar. Entretanto, para Arruti (1996), o Toré se constitui mais que um simples ritual, compreendendo “a renovação da magia e da mística do grupo, ou seja, uma forma de manutenção não apenas da sua cultura, do seu segredo, mas também do espaço a ser conquistado, com muito custo, dentro do Brasil”.

Na cidade de São Paulo, o Toré ou “dança dos praiás” é realizado, geralmente, em eventos culturais ou escolares, dando maior visibilidade ao grupo e mantendo viva sua tradição. No entanto, essas apresentações tem diminuído ao longo dos últimos anos, o que me levou a indagar outras formas de manutenção de suas práticas culturais. Assim como na aldeia, no Real Parque são realizados alguns tipos de pagamento de promessa, como “pratos” e “garapas”, bem como rezas e benzimentos, sempre que alguém está doente e procura esse tipo de ajuda aos *Encantados*. Tive a oportunidade de presenciar um “prato” na aldeia Brejo dos Padres e no Saco dos Barros, ambas em Pernambuco. Na ocasião, acompanhei toda a fase desse processo, da preparação do alimento até a manifestação ritual dos *Encantados*. A participação exige certos resguardos alimentares e sexuais aos homens e mulheres. O asseio ao corpo também é muito importante na realização das práticas mágico-religiosas, evidenciando um processo de limpeza tanto corporal quanto espiritual.

O Cosmo Pankararu é composto por múltiplas entidades e todas estão numa posição de hierarquia, que evidencia, sobretudo, o fluxo de diversos elementos culturais do seu sistema religioso. Acima de todas estas entidades está *Deus*, chamado por alguns de *pai Tupã*. Abaixo dele, os *Encantados*, que são entidades consideradas “vivas” e que se manifestam por meio dos “praiás”, indumentária e máscara sagrada do grupo. Ao vestir o praiá, o indivíduo perde sua identidade individual e torna-se um ser “intermediário” entre o mundo dos homens e o mundo sobrenatural, cabendo a ele uma

série de restrições alimentares e sexuais para que o ritual seja realizado. Às estas entidades são dirigidos pedidos de cura, preces, bem como o pagamento de promessas. Na cidade, o pagamento de promessas é realizado pelo “prato” e “garapa”. Quando alguém diz que vai pagar um “prato” significa que sua prece foi atendida e que, como prometido, irá dar uma oferenda ao *encantado* e aos participantes do ritual. Essa oferenda geralmente é uma comida composta por carne de carneiro, arroz e pirão, que as pessoas comem com as mãos.

Entre as causas de algumas doenças que podem acometer os Pankararu, estão: *pegação, flechamento, mau-olhado, inveja, sol e sereno, quebrante e feitiço*, cujos sintomas podem ser dor de cabeça, vômitos, febre, olho fundo, dor de barriga, desmaio, dor ou zumbido no ouvido, moleza no corpo, falta de apetite, entre outros (Mura, 2012, p. 207). Para curar o *mau-olhado* e a *inveja*, se recorre a um benzedor. Quando a doença é mais grave, como o *flechamento*, por exemplo, aí só a ajuda de um curador para desfazer o feitiço, sendo essencial a ajuda dos *encantados*. O *flechamento* é um mal que se abate no indivíduo e que provoca muita dor, podendo levá-lo a morte em poucas horas se a pessoa não receber os devidos cuidados. Essa doença é atribuída a *bichos ruins*, entidades malignas, como a caipora, e que desejam se apossar do espírito do indivíduo querendo levá-lo com elas.

Na cidade como na aldeia, a presença dos especialistas rituais são de extrema importância para se realizar a cura dessas doenças. No Real Parque, as rezadeiras são as principais especialistas às quais os Pankararu recorrem quando estão enfermos. Durante meu trabalho de campo neste local, pude acompanhar as visitas monitoradas pela equipe médica da UBS (Unidade de Saúde Básica), composta por uma Agente Indígena de Saúde (AIS), uma enfermeira, uma auxiliar de enfermagem e uma médica. A AIS é uma importante líder espiritual do grupo, reconhecida tanto no Brejo quanto na capital paulista, e sua presença nas visitas às casas dos Pankararu é essencial para estabelecer uma relação de confiança entre eles. As rezas e os pagamentos de promessa são geralmente realizados na casa da pessoa que está doente, podendo a reza se estender por semanas, caso seja necessário.

Na literatura pankararu, alguns dos principais trabalhos que inspiraram e colaboram no desenvolvimento da minha pesquisa estão os de Arruti (1996), Matta (2005), Albuquerque (2011), Lopes (2011) e Mura (2012). Em relação à saúde indígena pankararu, destaca-se os trabalhos de Athias (2004). As práticas de cura pankararu, embora apareçam de forma mais diluída nos trabalhos de Matta (2005) e Mura (2012),

constituem-se como o objeto central no trabalho de Lopes (2011), no qual o autor busca compreender a integração das formas tradicionais de cura com a biomedicina, enfatizando as tensões e os processos de “tradução” e ressignificação que os elementos rituais passam no contexto urbano, em especial, no Real Parque. Para ele, a cura Pankararu se localiza entre a biomedicina e a medicina tradicional, “um espaço em que há um deslocamento de importância e a lógica “espiritual” de sua ritualística é posta conjuntamente às práticas médicas” (LOPES, 2011, p.68). Dessa forma, esse autor procura demonstrar que a biomedicina não se encontra num sistema hierárquico de valores, se sobrepondo a medicina tradicional pankararu. Ao contrário, ela se atualiza como uma espécie de complemento às práticas de cura, sendo também importante nesse processo. Em consonância com o autor, procuro compreender como a cidade incide na cosmologia e organização social do grupo e quais mudanças podemos perceber desse processo, me atentando às noções de doença e cura.

A saúde dos Pankararu encontra-se constantemente ameaçada por forças malignas ou demais entidades que desejam tomar conta do espírito da pessoa. Dessa forma, percebo que a noção de pessoa entre eles, assim como em outros grupos, encontra-se diretamente relacionada com o corpo. A corporalidade das populações indígenas brasileiras apresentam uma intercomunicabilidade com o mundo sobrenatural, onde forças ameaçadoras, espíritos, *Encantados*, etc. estabelecem um ordenamento da vida social do grupo, na medida em que indicam a manutenção de quadros de moralidade, processos de cura, etc. Como nos mostra Carneiro da Cunha (1978), o corpo é o eixo por onde se converge a esfera individual (sangue, mundo cotidiano) com a esfera coletiva (nomes, títulos, vida ritual), através do qual podemos visualizar a organização social desses povos. Entre os Pankararu, a dicotomia *corpo aberto/corpo fechado* indica a manutenção de um quadro de moralidade. Comportamentos desviantes, o não cumprimento de restrições sexuais ou alimentares durante as atividades rituais perturbam a estabilidade da saúde, deixando-a ameaçada por ataques de espíritos ruins. Ter um comportamento moral exigido e realizar as interdições prescritas mantem o corpo livre de qualquer entidade que queira ameaçá-lo.

**Palavras-chave:** noção de pessoa; pankararu; memória; cura; cidade.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos. 2011. *O Regime Imagético Pankararu - tradução intercultural na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado, UFSC, Santa Catarina.

ARRUTI, José Maurício Paiva Andion. 1996. *O Reencantamento do Mundo. Trama Histórica e Arranjos Territoriais Pankararu*. Tese de Mestrado, UFRJ.

ATHIAS, Renato (org). 2006. *Saúde, Sexo e Famílias Urbanas, Rurais e Indígenas em Pernambuco*. Organizado por Russell Parry Scott, Renato Athias e Marion Quadros. Editora da UFPE.

CUNHA, Manuela Carneiro Da. 1978. *Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó*. São Paulo: Hucitec.

LOPES, Rafael da Cunha. 2011. *Cura encantada: Medicina Tradicional e Biomedicina entre os Pankararu do Real Parque em São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. São Paulo.

MATTA, Priscila. 2005. *Dois Elos da Mesma Corrente: Uma Etnografia da Corrida do Umbu e da Penitência entre os Pankararu*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), USP, São Paulo.

MURA, Claudia. “*Todo mistério tem dono!*” *Ritual, política e tradição do conhecimento entre os Pankararu*. Tese de Doutorado. Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2012.